
EDI TORI AI.



Na Pináculo 10, foi inaugurada a sessão dedicada à literatura. Como foi explicado em números anteriores, um dos objetivos desta revista é incentivar o hábito da leitura. Cultura geral e a arquitetônica são fundamentais para forjar ou lapidar talentos. A leitura alimenta a capacidade de abstração que, por sua vez, tem influência decisiva na formulação de conceitos, que é, com efeito, o que move a Arquitetura. Sem eles, nada será mais do que uma mera construção.

Para essa sessão, na Pináculo 10, a escolha recaiu sobre o texto do cronista Rubem Braga de 1957 em que ele descreve a casa que tinha na cabeça para morar. Para os Arquitetos o texto ganha um sentido peculiar. É inevitável pensar a casa desejada por ele. Essa crônica poderia muito bem servir como mote de um concurso de ideias de natureza conceitual. Concursos assim são de grande valia para os estudantes na medida em que induzem ao exercício da reflexão. Iniciativas assim são muito comuns sobretudo em países mais desenvolvidos.

Está em andamento o concurso promovido pela plataforma IARCH.COM. O tema não é um dos mais fáceis: uma casa para Dante Alighieri, tomando como referência a sua mais conhecida obra: A Divina Comédia. Sem que o participante tenha lido a obra com bastante atenção e assim sem compreendê-la, seria muito difícil lograr sucesso. Fica confirmada, portanto, a importância do hábito da leitura, bem como, o quanto a Pináculo está certa em incentivá-lo. Se o leitor não está acostumado a participar de desafios como esses, fica a sugestão para que busque oportunidades, pois os resultados são bastante benéficos para alimentar criatividade. Além disso, as premiações alcançadas se reverterem reconhecimento que se traduzirá em possibilidades de inserção no mercado de trabalho, que está sempre sedento por profissionais criativos além da destreza na manipulação de softwares.

Nesta edição, está o primeiro artigo de três publicados no jornal O Estado de São Paulo cujo tema é: "Por que a beleza importa?". Os outros dois textos da série farão parte do conteúdo dos próximos números: 12 e 13. Acompanhe, portanto, as próximas publicações.

Outra sessão, entre outras, inauguradas na edição anterior, está a que abre espaço para outras formas de expressão artística. Chegou a vez de falar de um nome muito importante que tinha uma relação direta com a Arquitetura: Athos Bulcão, cujas criações em azulejos retomaram a tradição que devemos em grande parte à cultura portuguesa que está presente em nossas igrejas dos primeiros séculos de existência de nosso país e que foi retomada no modernismo.

Boa leitura e bom aprendizado!

Francisco Lauande Jr

DO CUMEN T'A NO YOU TUBE



PINACULO

O Documenta, responsável pelas publicações da Pináculo, está no You Tube.

O nome Documenta foi escolhido pela intenção em produzir documentários sobre Arquitetura. Dois foram produzidos. Um deles lança uma nova luz sobre as obras de Oscar Niemeyer para os edifícios primordiais de Brasília. O outro, baseado na dissertação de Mestrado de autoria de Francisco Lauande, tem como tema a Praça dos Três Poderes. Mas, o canal tem oferecido a produção disponibilizados em outros canais. O intuito é oferecer fontes de pesquisa, bem como, contribuir para a preservação da memória de nossa história registrada na produção arquitetônica.

Além dos documentários, são produzidas as “Pílulas de Arquitetura que têm como um de seus temas a leitura de projetos, reforçando assim uma das sessões da Pináculo com o mesmo propósito.

Convidamos os leitores a acessar o canal, inscrever-se e compartilhar entre amigos e colegas. Envie sugestões de temas e ofereça críticas para que o Documenta seja um dos principais canais de Arquitetura no Brasil.

A razão de todas essas iniciativas é você, estudante de Arquitetura (!). Ajude a popularizar tanto a Pináculo como o Documenta.

SE SÃO LEI TURA



Clarice Lispector é a escritora escolhida para esta edição. Nascida na Ucrânia com o nome Chaya Pinkhasivna Lispector, foi escritora e jornalista radicada no Brasil. Autora de romances, contos, e ensaios, é considerada um dos nomes mais importantes da literatura brasileira no século XX.

CRÔNICA: **“Insônia infeliz e feliz”**



De repente os olhos bem abertos. E a escuridão toda escura. Deve ser noite alta. Acendo a luz da cabeceira e para o meu desespero são duas horas da noite. E a cabeça clara e lúcida. Ainda arranjarei alguém igual a quem eu possa telefonar às duas da noite e que não me maldiga. Quem? Quem sofre de insônia? E as horas não passam. Saio da cama, tomo café. E ainda por cima com um desses horríveis substitutos do açúcar porque Dr. José Carlos Cabral de Almeida, dietista, acha que preciso perder os quatro quilos que aumentei com a superalimentação depois do incêndio. E o que se passa na luz acesa da sala? Pensa-se uma escuridão clara. Não, não se pensa. Sente-se. Sente-se uma coisa que só tem um nome: solidão. Ler? Jamais. Escrever? Jamais. Passa-se um tempo, olha-se o relógio, quem sabe são cinco horas. Nem quatro chegaram. Quem estará acordado agora? E nem posso pedir que me telefonem no meio da noite, pois posso estar dormindo e não perdoar. Tomar uma pílula para dormir? Mas e o vício que nos espreita? Ninguém me perdoaria o vício. Então fico sentada na

sala, sentindo. Sentindo o quê? O nada. E o telefone à mão.

Mas quantas vezes a insônia é um dom. De repente acordar no meio da noite e ter essa coisa rara: solidão. Quase nenhum ruído. Só o das ondas do mar batendo na praia. E tomo café com gosto, toda sozinha no mundo. Ninguém me interrompe o nada. É um nada a um tempo vazio e rico. E o telefone mudo, sem aquele toque súbito que sobresalta. Depois vai amanhecendo. As nuvens se clareando sob um sol às vezes pálido como uma lua, às vezes de fogo puro. Vou ao terraço e sou talvez a primeira do dia a ver a espuma branca do mar. O mar é meu, o sol é meu, a terra é minha. E sinto-me feliz por nada, por tudo. Até que, como o sol subindo, a casa vai acordando e há o reencontro com meus filhos sonolentos.



AR TISTA EM FOCO

ATHOS BULCÃO



"Artista eu era. Pioneiro eu fiz-me.

Devo a Brasília esse sofrido privilégio.

PINÁCULO

Athos Bulcão nasceu no Rio de Janeiro. Desistiu do curso de medicina para se dedicar às artes visuais. Sua primeira exposição individual veio em 1944, na inauguração da sede do Instituto dos Arquitetos do Brasil, em sua cidade natal.

Em 1945 trabalhou como assistente de Cândido Portinari no painel de São Francisco de Assis da Igreja da Pampulha, em Belo Horizonte. Em seguida, mudou-se para Paris, onde viveu até 1949.

Foi funcionário do Serviço de Documentação do Ministério da Educação e Cultura, onde trabalhou com ilustração de publicações. Também realizou trabalhos como artista gráfico e desenhista.

Na função de artista plástico, passou a colaborar com Oscar Niemeyer em 1955. Integrando o esforço de construção de Brasília a partir de 1957. Em 1958, mudou-se definitivamente para a capital brasileira. Nos anos 1960, estabeleceu parceria com o arquiteto João Filgueiras Lima, cujas obras contaram com painéis de autoria de Athos.

Pelo conjunto da obra, recebeu vários prêmios e condecorações, como a Ordem do Mérito Cultural, recebida em 1995 do Ministério da Cultura.

Faleceu aos 90 anos devido a complicações provocadas pelo mal de Parkinson.

Para falar da importância do legado de Athos Bulcão, a Pináculo escolheu o texto de Ingrid Moura, que aqui é oferecido de maneira compilada. Por ser um texto extenso, o conteúdo foi dividido em duas partes. A segunda será oferecida na próxima edição: Pináculo 12

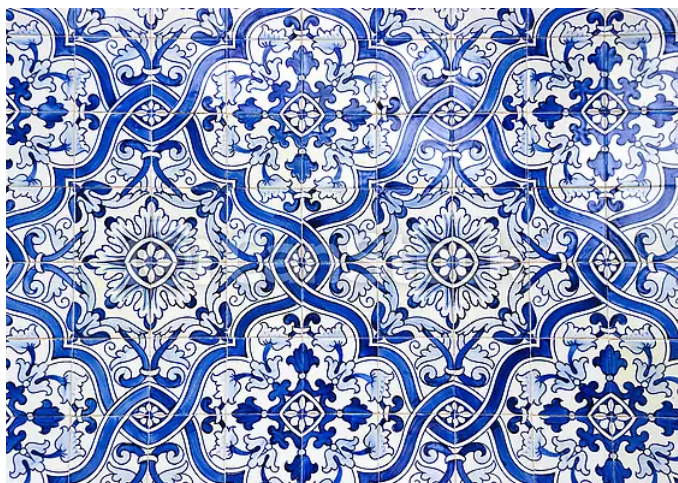
O azulejo e suas origens

O azulejo é um elemento de forma conhecida ao qual se pode aplicar, com liberdade, e por intermédio do processo de impressão silk screen, desenhos de traços, planos, retículas, conservando relativa fidelidade nas texturas. Vem sendo utilizado e defendido por alguns, e esquecido e menosprezado por outros. Algumas de suas características e vantagens são: impermeabilidade adquirida pela aplicação do esmalte na superfície; resistência ao ataque dos ácidos, álcalis, umidade e vapores, nas condições normais de utilização; resistência a manchas (facilidade de limpeza); ausência de pintura; facilidade de aplicação; substituição a baixo custo; possibilidade de ser obtido em várias cores e diferentes desenhos, como, também, baixa expansão térmica.

Os significados da palavra azulejo são variados e, às vezes, confusos. Segundo a maioria das definições, a palavra azulejo, originária do árabe, significa uma placa pintada e vidrada em uma das faces, possuindo na outra, fendas ou um tipo de relevo para facilitar o assentamento.

O termo chegou a Portugal junto com os primeiros exemplares importados da Andaluzia e do Levante. Os escritos mais antigos onde foi encontrada a palavra azulejo ou azuleijo são do início do século XVI. Os etimologistas que discordam quanto à origem da palavra azulejo concordam, porém, quanto à origem persa da palavra azul, vinda da Mesopotâmia e que define uma pedra semi-preciosa, de coloração intensa, o lápis-lazúli. Em resumo, o termo azulejo contém a idéia de “pedra lisa e escorregadia” e também a idéia de coloração azul que lhe dá qualidades decorativas.

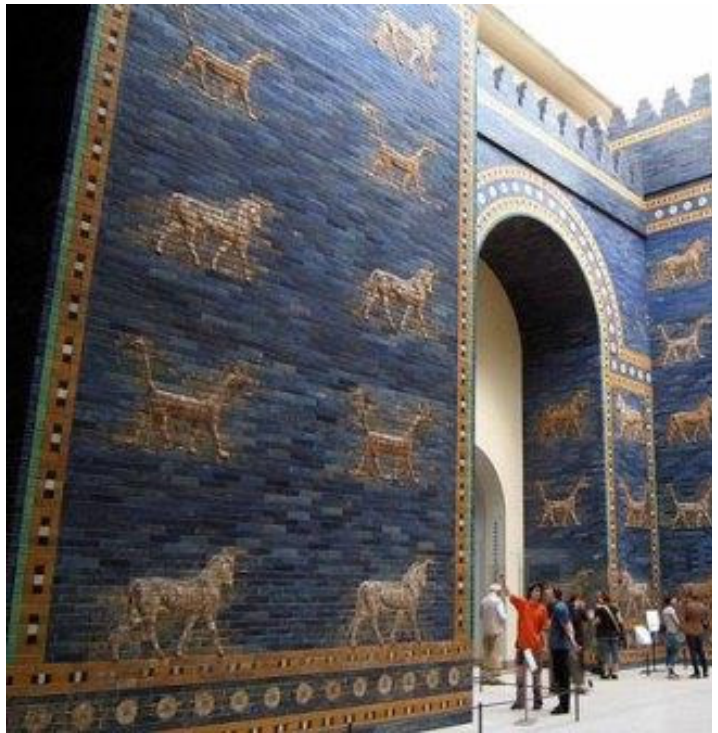
Da palavra azulejo são derivados vários termos relativos à sua produção e aplicação, como, por exemplo, azulejar, decorar com azulejos; azulejado e azulejando, flexões verbais; azulejador, o artesão que faz azulejos; azulejeiro, o operário que coloca ou instala os azulejos, também conhecido como ladrilhador; azulejaria, vindo sendo o termo usado para definir a arte do azulejo. A azulejaria é o ramo da cerâmica cujos produtos se destinam à decoração, no sentido estrito do termo, e cuja aplicação é especificamente o revestimento de superfícies parietais, pavimentares, etc.



O azulejo é um produto cerâmico, isto é, um subproduto da cerâmica. O termo cerâmica, por sua vez, é usado para definir uma atividade e caracterizar os seus produtos. Implica o emprego de uma matéria-prima: o barro e de uma técnica específica: a ação do fogo.

Entre os mesopotâmicos a invenção e uso do azulejo não resultaram de causas artísticas, mas de necessidades construtivas de proteção contra umidade. Com o tempo, e entre outros povos, o azulejo se enriqueceu naturalmente de valores decorativos e sua utilidade prática ficou em segundo plano, superada por sua finalidade ornamental. Na Mesopotâmia, devido à escassez da pedra e pela abundância de solo úmido, os povos babilônicos tornaram-se ceramistas contumazes. Fabricavam tijolos com resistência e durabilidade e aperfeiçoaram a técnica da vitrificação. Desenvolveram a técnica de fabricação de azulejos, com os quais revestiam suas paredes de tijolos. Assim as protegiam, fortaleciam e embelezavam”. Os babilônios também revestiam de azulejos as torres dos seus templos (zigurates), com finalidade de proteção da ação de agentes químicos e físicos da atmosfera e dos ventos e das chuvas. Os Árabes, então, difundiram seus costumes pela Europa, principalmente na Espanha e Portugal. É interessante lembrar que esses primitivos azulejos eram em relevo, o que contradiz a explicação etimológica da palavra azulejo. Na Babilônia, as Portas

de cidades eram monumentos importantes, com finalidades decorativas e defensivas, eram recobertas de azulejos, com representações de gênios protetores, dragões, touros alados, animais fantásticos e desenhos geométricos e florais.



PORTAL DE ISHTAR

Na Península Ibérica, a partir do século XII, Málaga tornou-se grande produtora e exportadora de azulejos. Depois, surgiram fábricas em outros lugares, como Granada e Sevilha, espalhando o uso desse revestimento ainda conservando suas características originais de relevo.

Da Espanha a arte do azulejo foi para a ilha de Majorca, de onde vem o termo maiólica, técnica produtiva que usa o vidrado estanífero com técnicas pictóricas policromáticas pintadas sobre o azulejo. De Majorca o azulejo foi para a Itália de onde se espalhou para o restante da Europa. Apesar de a maiólica ter origem espanhola, a Itália foi o centro produtor mais importante. A técnica do branco estanífero surgiu, provavelmente, no Islã, durante a metade do século XII. Nesse processo aplicava-se o estanho sobre a superfície cerâmica, depois a peça era queimada para formar a camada vítrea metálica branca prateada. Os motivos decorativos eram então trabalhados em duas cores formadas a partir dos óxidos de cobre e magnésio, além da cor preta para fazer o contorno do desenho.

Segundo as fontes consultadas, a maioria das descrições feitas pelos estudiosos revela que o produto azulejo deve ter surgido na Pérsia, que foi o centro das técnicas de produção de azulejos empregados na Europa. Do oriente, o azulejo foi levado pelos árabes para a Itália e Espanha e de lá para Portugal, país onde mais se apreciou e mais se desenvolveu tal arte, estando presentes, principalmente, nas paredes

como elementos decorativos, valorizando a arquitetura, tornando-se, assim, uma constante estética da arte decorativa portuguesa. Sendo o Brasil colonizado por portugueses, não é de se estranhar o nosso gosto pela azulejaria. No Brasil Colônia, foram muito apreciados e empregados azulejos portugueses na decoração arquitetônica, apesar das dificuldades de transporte e dos altos preços. Este teria sido o caminho mais provável percorrido pelo azulejo desde o seu aparecimento até sua chegada ao Brasil.

Os azulejos, porém, não são exclusivos dos países tropicais, nem na utilização, nem na fabricação. A azulejaria desenvolveu-se plenamente nos países baixos. Bem famosos são os azulejos de Delft, na Holanda. Havendo também significativa produção no México, Península Ibérica, África do Norte e Oriente Próximo.



FORMA PARA A
PRODUÇÃO DE AZULEJOS

Foi em Portugal que desde as primeiras aplicações o azulejo foi utilizado com um sentido de monumentalidade e de integração arquitetônica, desconhecidos por outros povos. Os portugueses tiveram a ousadia de revestir paredes inventando composições e ritmos originais, enquanto que na Andaluzia, no Levante e no norte da África o emprego do azulejo limitou-se à cobertura de silhares. Em Lisboa, as primeiras tentativas de fabricar ladrilhos vidrados datam do início do século XVI. Dessas experiências resultaram os primeiros azulejos lisos, esmaltados, pintados de verde-cobre, para serem usados em composição de enxadrezados na época manuelina. Também durante

esse período, admite-se a instalação dos primeiros fornos do tipo Veneza, com capacidade de cozer o esmalte estanífero.

É importante citar o terremoto ocorrido em Lisboa, em 1755, depois do qual, segundo Alcântara (1980) foi necessária organização e racionalização da produção de materiais de construção, inclusive de azulejos, para rapidamente reconstruir a cidade e abrigar os que perderam suas casas. O azulejo teve que se adaptar à nova exigência de industrialização. O azulejo de tapete foi o tipo escolhido para ser fabricado por ser fácil e barata a sua produção, porém, com qualidade inferior. Com a Revolução Industrial, no século XIX, houve perda de atributos tradicionais e essenciais nos azulejos. A inadequação formal ao novo tipo de produção mecânica e o rebaixamento das qualidades artísticas dos azulejos industrializados foram as maiores perdas identificadas. Surgiu então, grande procura e a proliferação do azulejamento das fachadas, o que caracterizava não apenas o crescimento da indústria e do mercado consumidor, mas também a tentativa dos proprietários de casas e armazéns que ascendiam econômica e socialmente, exibirem seu novo status social, enobrecendo suas propriedades.



FORMA PARA A
PRODUÇÃO DE AZULEJOS
POR MEIOS TRADICIONAIS

Azulejaria portuguesa e sua introdução no Brasil

De acordo com Simões (1980), as principais características que diferenciam a azulejaria portuguesa nos primeiros 25 anos do século XVII como monumentalidade, adequação à arquitetura e modernidade. O azulejo chegou ao Brasil em sincronia com as demais artes e seguiu o mesmo processo de aculturação existente em Portugal. Ou seja, para o Brasil foi transportado o mesmo gosto, a mesma técnica e os mesmos materiais de Portugal.

Durante o século XVII, a azulejaria se desenvolveu nos dois países e atingiu altos níveis decorativos. No Brasil, os revestimentos com azulejos de padrões em policromia, formando tapetes enquadrados por cercaduras, não atingiram a monumentalidade de exemplos portugueses, mas foram bem representados em Pernambuco e Bahia.

Os gostos, modas, costumes, enfim, quase tudo o que a Corte produzia era trazido ao mesmo tempo para a Colônia. Aconteceu o mesmo com a azulejaria. No final do século XVII, a cerâmica policrômica no estilo italiano perdeu lugar para a novidade da porcelana azul, importada da China, e então copiada na Holanda, Inglaterra e na própria Itália. Os azulejos portugueses passaram a reproduzir em dois tons de azul os velhos padrões policrômicos. Para o Brasil eram mandados os melhores exemplares desse gênero, como por exemplo, os azulejos de padrão azul que forram o interior da igreja de Nossa Senhora dos Prazeres nos Montes Guararapes, em Pernambuco.

Durante a ocupação dos holandeses em Pernambuco (1630 a 1654) vieram azulejos da Holanda para os palácios construídos na época do príncipe Nassau. Geralmente, as peças tinham uma figura central dentro de algum tipo de friso, ou apenas uma figura popular e os cantos contendo desenhos de aranhões, labirintos chineses, cabeças de boi ou flores-de-lis. As peças não eram tão bem acabadas como as portuguesas e apresentavam dimensões menores.

No século XVIII, o Marquês de Pombal, Primeiro Ministro de D. João VI, implantou um programa de industrialização manufatureira em Portugal. Criou-se a fábrica de Loiça do Rato, que simplificava os padrões de azulejos existentes. Os produtos eram feitos em série por proces-

sos artesanais, o que aumentou a produção, tornando o preço do azulejo mais acessível a um público maior.

O século XVIII caracteriza-se por ter sido um período também de técnicas artesanais, onde se destacaram alguns mestres portugueses de pintura de azulejos. Foram os chamados 'artistas pintores', que utilizaram o azulejo com intenção de fazer obra de arte e geralmente pintavam grandes composições figurativas e assinadas, fixando o gênero de pintura monumental, muito usada também no Brasil. O autor informa ainda que, o século XVIII, período de grande exportação de produtos portugueses para o Brasil, foi o século no qual o Brasil tornou-se o grande provedor de Portugal. Este proporcionou à Colônia um grande aumento no seu patrimônio artístico e a presença da azulejaria portuguesa no Brasil foi bem significativa, tanto na quantidade como na qualidade dos exemplares, onde a utilização do azul de cobalto incorporado nos fundos brancos continuou existindo.

Nesse período o azulejo estava definitivamente ligado à arquitetura, tornando-se indispensável para embelezar templos e solares e eram encomendados tanto no Reino como na Colônia com os mesmos cuidados e exigências. O azulejo, que estava tornando-se indispensável como elemento decorativo, encontrava no Brasil outras razões para sua grande aceitação. A escassez de materiais para acabamento externo das fachadas, juntamente com o clima quente e úmido do litoral brasileiro, que dificultava a conservação e impermeabilização, podem ter levado os construtores desse século a utilizar o azulejo, mais econômico (pela sua durabilidade), para enfeitar e também garantir a boa conservação das fachadas de igrejas e adros. Surgia assim no Brasil o 'Azulejo de Fachada', desconhecido em Portugal.

No século XVIII foi o período de fixação e 'nacionalização' do azulejo, ou seja, o uso do azulejo na arquitetura foi confirmado como uma tendência normal e tipicamente brasileira. O azulejo passou a ser usado com representações de temas figurativos e reduzido para a monocromia perdeu qualidade decorativa. Mas se impôs logo depois pela excelência material dos suportes e pelo maior cuidado na pintura. As ordens religiosas, principalmente os Frades Capuchinhos, foram os que retiveram a maior riqueza artística da época. Inúmeros são os Conventos, Hospitais e Missões brasileiras que eram ricamente adornados

por azulejos portugueses.



CONSTRUÇÕES NO RECIFE

Juntamente com a produção dos painéis figurativos pensados e executados para lugares específicos, produziram-se em Portugal os chamados 'azulejos ornamentais', produzidos em série, para decorações mais simples e podiam ser comprados por unidades, dúzias ou centenas. Independentes de lugares predeterminados permitiam várias combinações e com preços mais acessíveis, sendo utilizados em aposentos secundários como corredores, pequenas salas e cozinhas. Dentro deste tipo de azulejos ornamentais estão os chamados de 'figura avulsa', onde cada azulejo contém um motivo independente com desenhos simples e certa ingenuidade, pintados em azul, com temas de flores, aves, animais, figuras humanas ou barcos. Foram produzidos em Portugal, tornaram-se os azulejos 'populares', sempre graciosos, porém, não sendo encontrados muitos exemplares no Brasil. Outro tipo de